

**MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DA VIDA RIBEIRINHA DO BACURÍ NO
PERÍODO DE 1970 A 2014.**

JOHMARA ASSIS DOS SANTOS*

Lázaro chegou ao Bacurí ainda criança, vindo de uma localidade próxima, acompanhados de seus pais e irmãos. Seu avô veio com 18 anos do Maranhão para o Amazonas. “Ele mandou o filho vim comprar essa terra, o castanhal, chegou aqui (...) para fazer essas compras”.

“Meu pai trabalhava com muita gente, morreu com 40 anos, mordido por uma cobra, eu tava com 13 anos, meu irmão com 15, minha mãe velha com 70, 80 anos, os fregueses abandonaram, não tinha quem trabalhasse na roça e na venda da castanha”. Eu comecei a trabalhar com 13 anos na agricultura, torrar farinha, agricultor daqueles que não perdia nada, gostava de ser agricultor, deixei porque adoeci, meu trabalho começava nas primeiras horas da manhã, dormia 09h00min e acordava 24h00min, já ia para o serviço que já estava pronto lá me esperando, uma hora eu já estava lá”¹.

Lázaro conta que não havia nada naquela época, o Bacurí era um terreno que herdou do seu avô, onde moravam em torno de 10 famílias. “Não tinha motor, não tinha nada do que tem hoje, o estudo era difícil, nós morava na casa de farinha tudo aberta, cobertura de palha com assoalho de paxiúba. O “nada” refere-se aos bens materiais provenientes da vida urbana.

Resumidamente temos indicações de aspectos básicos que compõe a experiência de vida e a formação do que viera a ser a comunidade do Bacurí: a migração que gerou a constituição de sua família e inúmeras outras que buscaram mecanismos de sobrevivência, os castanhais e a agricultura como atividade de subsistência e a posse da terra considerada devoluta pela figura de um patrão².

* Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Mestranda em História Social /Bolsista pela Fundação de Apoio à Iniciação científica do Amazonas-FAPEAM com a pesquisa: Memórias de Organização de Comunidades Rurais através do Movimento de Educação de Base em Tefé –Am (1971-2014) sob a Orientação da Profª. Drª. Patrícia Rodrigues da Silva.

¹ Entrevista concedida no ano de 2014 com Lázaro do Carmo Rodrigues, 90 anos/ aposentado e comerciante. Neto do antigo dono do terreno da comunidade Bacurí.

² Segundo Fraxe (2000), os patrões são agentes de comercialização em transformação, pois se utilizando de relações de compadrio e de práticas de aviamento, o caboclo fica lhe devendo.

1.3 - O que significou para essas famílias pertencentes às classes populares a vivência numa comunidade rural /Bacurí entre 1970 a 2015? Em outras palavras, como a comunidade foi organizada?

Para iniciarmos podemos dizer que as experiências dessas famílias são heterogêneas, não podemos colocá-las dentro de um padrão compartilhado por uma coletividade de maneira homogênea. Sader (1988:63) chama atenção para as múltiplas diferenças ocupadas pelos sujeitos sociais, seja na divisão do trabalho como nos diversos padrões culturais existentes que produziram múltiplas experiências. Para que possamos adentrar nesse universo rural, vejamos dois registros que expressam o modo de vida desses trabalhadores rurais constituídos na área de terra firme do rio Tefé. Modo de vida este distinto da vida citadina, porém não atrasada e nem desprovida de cultura como muito tempo permeou no pensamento construído durante século a respeito da Amazônia e seus moradores .

O primeiro é do Sr. Orlando Rodrigues, veio de outra localidade (igarapé-açu) com seus pais para morar no Bacurí e trabalhar na terra que coube na divisão de bens de seu avô, questionado sobre como era o local quando chegaram, respondeu: “não era comunidade, só era localidade, (...) morava umas dez famílias ...o Bacurí era um castanhal e lá dentro a gente tirava muita castanha”. Em seguida adiciona que grande parte dos seus anos de trabalho foi dedicada a atividade da agricultura: do fazer farinha de onde retirava o sustento da família.

Sua fala revela a experiência de outras famílias que vieram de localidades próximas para fixar residência no Bacurí, no caso de Orlando sua vinda ocorreu pelo fato da terra ter sido herdada por seu pai. Quando questionado sobre como seu pai (Lázaro) conseguiu o terreno, respondeu que seu avô ao chegar do Maranhão, se apossou de terras devolutas e começou a trabalhar na coleta da castanha, agricultura e criação de gados, “tinham um castanhal, tinha muito gado aqui, depois ele morreu já ficou os herdeiros”. Esse período é lembrado como o tempo dos castanhais, e seu bisavô teria sido um patrão. Outras famílias teriam sido atraídas para trabalhar na extração da castanha e na Agricultura nesse terreno.

Orlando afirma que na época do pai e do avô era um tempo bom e animado onde moravam inúmeras famílias que viviam da venda da castanha. Ele afirma que seu avô possuía muitas terras, onde várias famílias coletavam e vendiam para sua família, logo toda produção era embarcada e levada embora por uma firma chamada “CS”.

Sua fala rememora o século XIX, quando a castanha tornou-se um elemento importante da economia da Amazônia após o declínio da borracha. Após a queda da goma elástica, o

capital e a força de trabalho foram redirecionados para a coleta de madeiras, cacau, sorva e castanha, que encontraram boa recepção no mercado europeu. A exportação da castanha iniciou em 1800 e firmou-se no mercado internacional no início do século XX³.

Assim muitas famílias ganharam seu sustento da coleta e venda desses produtos extrativistas coletados da floresta, como também constituíram e resignificaram seu modo de vida nessas comunidades. Vicença⁴ relembra a década de 1960 como um período difícil de viver: “trabalhava muito, todo dia, todo dia, aí nois vimo que nois não tinha tempo nem de fazer roça pra nois maninha, aí tinha tempo que eu trabalhava, e aí a gente comprava até farinha para cumer, aí eu via que num tinha tempo nem de fazer roça pra nois”. Toda produção realizada nas “terras do chefe”, como ela denomina eram entregues para o patrão em troca de um salário que mal dava para viver. Às vezes faltava alimentação pelo fato de não dispor de tempo para fazer uma roça para sua família, pois estavam ocupados na coleta da castanha e no trabalho da agricultura, ela ainda menciona que nada lhes pertenciam, ao pegarem uma caça, esta deveria ser entregue ao dono do terreno.

A jornada de trabalho era intensa, começando nas primeiras horas da manhã e durava o dia todo, durante a semana inteira. O trabalho não era regulamentado, o que significa dizer que não havia garantias e direitos trabalhistas. A condição de vida era simples, as famílias moravam em habitações cobertas de palhas, raramente com paredes de paxiúba⁵, não havia divisão de cômodos, quando possuíam, era somente uma parede que separava sala e cozinha. A iluminação era realizada pelo uso de lamparinas⁶, muitas vezes não possuíam sequer assoalho “a mamãe raspava o chão durante a noite, pra ficar quente pra gente poder dormir”⁷.

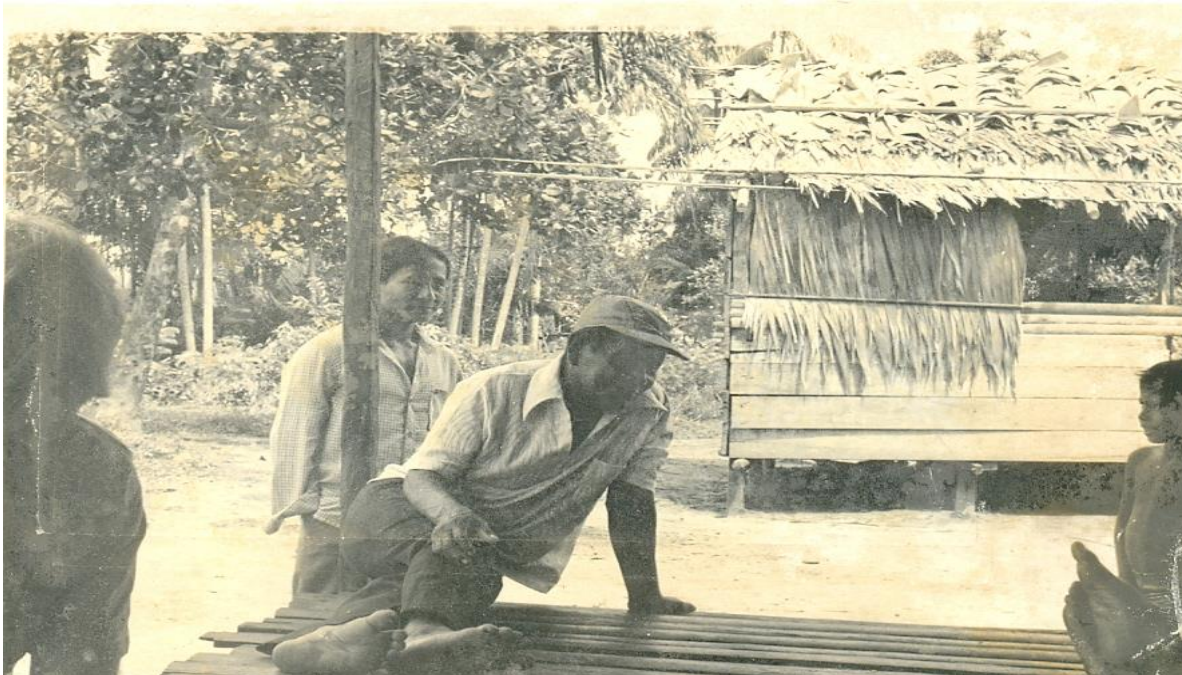
³ Sobre o período dos castanhais vide o artigo de Maria Ferreira Emmi: Os castanhais e a indústria extrativista no Pará até a década de 1960.

⁴ Vicença Oliveira Barbosa, 70 anos de idade, Aposentada- moradora do Bacurí, nascida e criada na comunidade. Entrevista concedida no mês de outubro de 2015.

⁵ Paxiúba: Espécie de palmeira retirada das matas, partida no meio e colocadas como assoalho das casas.

⁶ Objeto composto por um reservatório para colocar combustível e um pavio, ligado ao reservatório, que é queimado para iluminar.

⁷ Depoimento dado ao autor em conversas informais.



Primeiras habitações de palha e paxiúba / Arquivo do MEB: década de 1970.

Por essas condições, esses trabalhadores rurais com suas vivências plenas de ensinamentos práticos foram compreendidos como pobres coitados a viverem num ambiente isolado sem qualquer condição de sobrevivência.

A década de 1970 foi de intensa remodelação desse espaço antes denominado como localidade, esboçou-se uma tendência de união e organização dessas famílias em torno da criação de uma comunidade e de uma associação comunitária. Em parte essas mudanças foram introduzidas pelo trabalho de assessoria do Movimento de Educação de Base- MEB⁸, movimento social da igreja católica e outras instituições públicas de Tefé. O movimento denunciava o isolamento em que viviam essas famílias e as precárias condições de vida desses trabalhadores, sendo, portanto necessário constitui-los em agrupamentos humanos denominados comunidade.

O caderno de atividades do MEB (2000:2) dizia o seguinte:

⁸ Segundo Fávero: MEB foi um Movimento social criado em 1960, pela Comissão Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e Governo Federal, com a finalidade de promover um programa de Educação de Base através de escolas radiofônicas nas regiões subdesenvolvidas do país (norte, nordeste e centro-oeste). Consultar o livro: Uma Pedagogia da Participação Popular: Análise da Prática Educativa.



Após duas viagens feitas em todo o território da prelazia, visitando as paróquias existentes, dom Joaquim percebeu que havia um grande vazio demográfico no meio da população que não era assistida pelas atividades pastorais.

A prelazia possui um território imenso, rendilhado de rios, paranás, furos, igarapés, lagos e centros de extração dos produtos naturais. Ali vive uma população sem condições de ter a menor assistência quer religiosa, quer social.

Assim, foram realizados esforços para introduzir nesses locais ideais de progresso, que viabilizasse o progresso dessas famílias e a melhora da qualidade de vida entendida como precária e desprovida de qualquer sinal de cultura. Ana Mota⁹ - supervisora do MEB/ atenta para necessidade de organização dos moradores pelo movimento.

[...] As conversas visavam convencê-los. Juntos poderiam ser mais fortes, explicávamos diversas formas de organização comunitária. Havia por parte da equipe o desígnio em levar o ribeirinho a refletir sobre a situação que vivenciava cuja finalidade era despertá-los a assumir um trabalho dentro de uma perspectiva comunitária, através de ações organizadas que resultassem no desenvolvimento social, econômico, cultural e político de seus membros¹⁰.

[...] trabalhar aquele pessoal isolado da beirada do Japurá, da beirada do Juruá, pra vê se eles conseguiam como se diz despertar, pra. pra .pra junção, pra, que a gente sozinha não tem muita força, tem que ser um conjunto, pra ter um catequista, pra ter alguém que ensine a religião, que celebre nas comunidades, e pra organizar nesse sentido que eu to falando.

[...] Eram grupos de pessoas trabalhavam com o objetivo de organização mesmo, no sentido de uma diretoria, de ter uma documentação legal, elaborar estatuto, é registrar, ter um CNPJ, poder conseguir benefícios, através de projetos, ajuda de governo, benefícios de instituições, da própria igreja. Ser reconhecida legalmente.

Ela chama atenção para um aspecto relevante das primeiras viagens dos supervisores na área rural do Município de Tefé na década de 60: A necessidade de convencer essas famílias à desenvolverem trabalhos coletivos. As atividades do MEB giravam em torno do trabalho de alfabetização e criação de grupos “estimulando a constituição de presidentes e diretorias de clubes comunitários, clube de mães, cooperativas e sindicatos¹¹”.

No Bacurí, as ações constituíram-se na criação da Associação Comunitária-ASCOMB e na formação de diversos grupos. Embora na década de 70 já possuísse em torno de 13 a 15 famílias estabelecidas, o local era entendido como localidade, pois somente no dia 16 de maio de 1971¹², conforme a ata de fundação, a comunidade passa a existir; tornando-se um local de constituição política e social desses moradores que ganhariam visibilidade pelas suas ações

⁹ Entrevista concedida em 2010 a autora

¹⁰ Ana Mota atuou como supervisora do MEB no período de 1979 -1988). Os dados estão presentes na entrevista realizada no ano de 2010).

¹¹ Delma Pessanha Neves: O Movimento de Educação de Base, a organização comunitária e a preservação ambiental.

¹² Ata de Fundação da Associação Comunitária do Bacurí: ASCOMB .



coletivas. Segundo Gomes (2013:4), “a auto designação desses povos e o seu reconhecimento jurídico constitui-se em importante campo de luta pelo reconhecimento destes sobre os direitos ao uso de territórios e os recursos que são imprescindível”. Sendo assim, no mês de maio de 1971 o Bacurí foi reconhecido como comunidade rural após a realização de uma reunião com moradores e instituições públicas de Tefé. Na ata de reunião da formação da Associação Comunitária-ASCOMB(1971), consta a seguinte afirmação:

[...] Fizeram-se presentes quinze famílias dessa localidade, com intuito de fundarem definitivamente a comunidade. Para esse fim a comunidade contou com o apoio da Emater-Am, prelazia e projeto Rondon no sentido de orientações, esclarecimentos etc.. através de cursos, palestras e encontros com outras comunidades que já haviam concretizado esse objetivo, foi sugerido pelas famílias que fosse criada de imediato uma diretoria para encaminhamento e o processo de crescimento que passaria acontecer . As famílias todas foram de acordo com a ideia e passaram então a formar a diretoria numa chapa única (...), formada a diretoria foi sugerido à posse da mesma, e a leitura e aprovação do estatuto fosse feita dia trinta e um(31) do mês de maio. A professora da localidade solicitou a palavra para esclarecer aos presentes da importância de uma comunidade unida e organizada.. Então vamos lutar para crescermos juntos e um dia nossos filhos se orgulharem por aquilo que adquirimos com sacrifício¹³.

Tal fato representava um momento de mudanças e melhoria dessas famílias, que agora constituídas em uma Associação desenvolveriam trabalhos comunitários e buscariam mecanismos para desenvolver o local. As roças comunitárias, a criação de clubes de mães, diretorias e lideranças, realização de cursos, reuniões e ajurís passaram a compor as ações cotidianas e ser tema das atas de reuniões.

A comunidade, constituição política tinha agora uma infraestrutura composta de presidente, vive- presidente, tesoureiro, secretários e diversos líderes para o gerenciamento das novas atividades. Novos padrões de comportamentos foram disseminados enquanto hábitos até então presentes na cultura local passaram a ser condenados. Vejamos o seguinte depoimento de Maria:

[...] Eu sozinha, eu lutava como uma doida lá né pra querer, e o pessoal não entendiam, o dia que eu fiz uma reunião, que eu vi né assim que a higiene tava horrível, que não tinha higiene de jeito nenhum pra nada... aí eu disse, vou fazer um campanha de filtro pra cá, eu só faltei apanhar, eu chorei que inchou o olho né, por que eles tavam acostumado a tomar água de qualquer jeito... então vamos fazer uma campanha de fossa pra cavar, fazer os buracos no dia, cavar água de seixo, até hoje tem família que deixou lá fechado e não mudou, é umas duas famílias né, o resto graças a Deus. Mas é assim né 42 anos de luta, mas você vê que não é fácil lutar com pessoas.

¹³ Ata de Fundação da Associação Comunitária do Bacurí/ASCOMB.

[...] Muitos (moradores) muitos né era de dá a patada né... ali no Bacurí foi uma comunidade que eu encontrei(...) estresse naquele pessoal, até hoje tem uma família, que eles não sabem conversar, eles só falam assim, pra deixar você pra baixo, muitas palavras pesadas que assim, aí sabe, assim já veio da, das raízes né, o pai era assim, a mãe não, mas o pai não dizia uma palavra pra não ofender, então esses já sabem que escutaram muitas coisas também, como eu ouvi né,

Conforme podemos perceber, um conjunto de regras e normatizações baseadas nos discursos higienistas do século XIX passaram a ser difundidas. O incentivo ao uso de hipoclorito na água, construção de fossas negras, construção de novas casas agora divididas foram algumas intervenções realizadas, sem levar em consideração que o modo de vida desses sujeitos históricos é regido por outra lógica distinta dos grandes centros urbanos. Isso não significa dizer que a cultura¹⁴ dos ribeirinhos era atrasada.

É interessante ressaltar que nem todos os moradores vivenciaram essas mudanças de maneira homogênea, era como se elas estivessem tirando o velho sossego da velha localidade. As noções de progresso disseminadas visando modificar os hábitos tradicionais geravam resistências na ambiência da comunidade. Alguns resistiam com o objetivo de preservar seus costumes, essas ações de certa forma condenavam as práticas cotidianas como: beber água do rio, comer peixe assado no café da manhã, o não uso de fossas negras, pois se defecava de “cocas”¹⁵ sobre troncos de árvores foram condenadas e consideradas atrasadas. Estava sendo imposto um conjunto de regras e normatizações baseadas nos discursos higienistas do século XIX, que visavam modificar os hábitos e costumes da população local, sem levar em consideração que o modo de vida desses sujeitos históricos é regido por outra lógica distinta dos grandes centros urbanos.

Sua narrativa evidencia que os ribeirinhos não aceitavam de forma passiva as novas imposições, ousou compartilhar da ideia de Stuart Hall, para dizer que houve um estranhamento¹⁶ entre culturas, as novas noções de modernidades advindas pelo Movimento e disseminadas por uma filha da comunidade, na época professora pelo MEB. As falas entendidas como “grosseiras”, ou do não adotar as fossas negras revelavam a defesa de

¹⁴ Maria José Rodrigues é moradora antiga da comunidade do Bacurí, atualmente possui 63 anos de idade, é agente de saúde. Mas atuou em diversos cargos no âmbito da comunidade: parteira, catequista, professora do MEB entre outros.

¹⁵ Termo usado na localidade.

¹⁶ Estranhamento de Cultura na perspectiva de Hall, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora



valores pautados nos costumes tradicionais¹⁷. Nas palavras de Edward Thompson (2005), os costumes são práticas antigas e constantemente reelaboradas na realidade, e por meio deles os camponeses agem no cotidiano, e uma vez desrespeitados ou violados tendem a gerar movimentos de rebelião. Apesar dos estudos de Thompson serem aplicados sobre os costumes, cultura e tradições populares do século XVIII, eles nos ajudam a pensar nas resistências vivenciadas pelos moradores do Bacurí. Sua narrativa revela como essas resistências ocorriam.

Agora cê quer mudar nossa vida? Teve uma pessoa que disse pra mim quando eu cheguei em 71, que eu comecei a convidar de casa em casa pra participarem, estudarem né, e participar da comunidade. Uma família ... disseram pra mim né, eu vou estudar com você? Eu vou participar da comunidade com você? Por que eu sei que o que você aprendeu foi jogar pinico dos outros na casa de família... Nunca esqueço.

... Até hoje tem família que não tem o costume de tomar café, aí vai o peixe de manhã né, o peixe assado, peixe frito... também né eu comecei a dar aula, eles tomavam, e comiam peixe de manhã, aí chegavam pitiú, né,...eu levava sabonete, tesoura, parava a unha, dava banho lá, na hora do, do recreio (Johmara: hum rum) aí eu ia dá banho neles esfregava né, tudo sujo (Johmara: eles tinham quantos anos nessa época? Eles eram crianças?) era mas... já era de 14 anos, já eram adolescente¹⁸.

Desta forma, os xingamentos e palavrões proferidos não deixavam de ser uma forma de resistência e defesa das práticas culturais vivenciadas.

Por isso, visando modificar tais atitudes consideradas bárbaras, foram desenvolvidos pelo MEB em parceria com outras instituições: cursos e treinamentos destinados aos líderes comunitários, no intuito de "formar e adestrar" os comunitários para que os mesmos se tornassem sujeitos críticos e contribuíssem para a mudança de sua realidade. Em resposta a questão: O MEB promovia cursos? Maria enfatiza:

[...] Pra tudo, tudo, hoje em dia como a gente vê a agricultura familiar né, eles faziam,... davam esse mesmo exemplo, você não pode, eles diziam, não pode usar terra, só pra mandioca... você usa terra, pra deixar... as árvores né frutas permanente, plantam pra vocês não ficarem comprando, vocês vão vender a banana e comprar a bolacha né... às vezes não dava nada né, compravam aquela bolachinha, mas era importante comprar, comer coisas, que nem alimentavam... com isso né, foi à implantação da horta né...e da horta o pessoal aí eu... eu não gosto de folha de. isso aí é amargo, isso aí é ruim, aí entrou os valores nutritivos de cada alimento... de cada verdura e hoje até hoje eu tenho né... o que é macaxeira contém então isso aí eu falava na reunião, falava pra eles né [...].

¹⁷ Sobre as resistências no sentido de defesa dos costumes tradicionais. Consultar a obra: Costumes em Comum de Edward Thompson (2005).

¹⁸ Ibidem 15

Johmara A: Lembre-me alguns cursos que o MEB promovia lá na comunidade do Bacurí.

De acordo com seu depoimento podemos perceber que havia o incentivo a mudança de alimentação costumeira desses ribeirinhos “vão vender a banana pra comprar a bolacha... “que nem alimentavam”, alimentos esses provenientes da vida urbana, mais que não fazia muito sentido na ambiência do rural, pois esses moradores estavam acostumados a comer o peixe frito, assado ou cozido nas primeiras horas da manhã, tal fato estaria relacionado ao trabalho que desenvolviam, pois passavam o dia inteiro trabalhando na agricultura, portanto deveriam consumir alimentos com mais sustância.

Sendo assim, os cursos e treinamentos foram instrumentos importantes para incutir essas novas atitudes exógenas no interior da comunidade, ainda no depoimento de Maria vejamos:

Maria: É formação, de liderança comunitária, formação familiar,... Planejamento familiar é planejamento de... agricultura familiar. Planejamento pra trabalhar com horticultura, com pomar, trabalhar com plantas nativas, isso tudo foi feito curso, pra trabalhar com abacaxi, também que, trabalhamos com criação de, de aves, tudo isso era curso de preparação... pro clube de mães, como trabalhar com corte costura,... o curso de bordado, curso de pintura, curso de crochê, curso de, de, trabalhar com, ...Trabalhar com tala, como é? Artesanato, com barro, argila né, pra fazer varias coisas né que a gente fazia né, o Guidá pote né que, eles diziam que esfiava água, ninguém tinha geladeira é, é então tudo isso foi feito curso, por exemplo, se na comunidade fazer, como a madeira né, trabalhar com remo né com palha, fazer a banha que era pra abanar o forno, então pra tudo teve curso, por exemplo, na comunidade tinha alguém que tinha essa formação... aquela pessoa ia dar o curso. eu como sabia costurar, eu sabia bordar,... então eu dava aula né a, era trabalho mutuo né ,de graça, mais você se comprometia, ate, até mesmo... até mesmo para o plantio da mandioca era feito tudo uma organização, tudo isso, o pessoal do IDAM iam lá para ensinar como a metragem para plantar a roça longe da outra. a adubagem da terra né, pra horta, qual é o espaço dos plantios, tudo isso, horte e cultura, todo mundo tinha que é ter o curso, aí quando num ia eles chamavam para Tefé, ia dois, três, depois eles vinham ajudar no plantio, na roça, no pomar né.

Muitos foram os cursos e treinamentos realizados na tentativa de qualificar os representantes das comunidades ribeirinhas, e modificar os costumes locais. Era como se a comunidade estivesse passando por um processo civilizador, onde era introduzido um conjunto de regras que disciplinava a todo o momento as experiências desses sujeitos sociais. Os próprios líderes (moradores da comunidade) assumiam o papel de agentes civilizadores e embora houvesse resistências, os cursos serviam como espaços de aprendizagem e de sociabilidades, (alegrias, tristezas), nesses eventos esqueciam-se por alguns momentos suas

lutas cotidianas e sentiam-se importantes e valorizados, tendo em vista que ações governamentais pouco chegavam nessas glebas.

[...] A mesa era grande pra todo mundo sentar assim né, aí sentavam né. Tinha o dia e tinha a noite, eles passavam três ou quatro dias nos encontros, era muita gente que dava todo mundo animado, o Claudemir, quando ia, o potássio, o Cabrolí era muito gracista, aí vinha à noite, os lazeiros, vinha o mural, as piadas, o mural, o que acontecia no dia, à noite a gente escrevia escondido, quando amanhecia foto de todo o jeito, a gente desenhava, criticava, elogiava..., e o mural era feito assim sabe, e o que não participava que cochilava ia pagar prenda sabe, aí tinha o politico, tinha o que ia contar piada, tudo era pago né, era muito alegre né, aí no final dos encontros a gente preparava aquele encontro né, lindo, cantando, era formava música, escrevia, sei que era muito... (Johmara: animado?), fazia duas vezes sabe, e eu tudo me metia e dava certo ¹⁹.

Mediante o depoimento é possível perceber que os encontros eram permeados por momentos divertidos, as dinâmicas utilizadas no decorrer dos cursos funcionavam como estratégia de motivação e excelentes formas de normalização²⁰, uma maneira sutil de controle exercido de forma invisível e positiva. Nesses encontros, muitas vezes realizados na ambiência da comunidade com duração de 3 a 5 dias, os supervisores conseguiam captar o andamento e eficácia dos trabalhos executados.

Portanto, localidade e comunidade são conceitos construídos ao longo de décadas de forma exógena e internalizados pelos ribeirinhos quando conveniente as suas necessidades, esses ribeirinhos moradores da área rural do Município de Tefé trazem conhecimentos tradicionais que passaram a ser entendidos como atrasados por não traduzir uma lógica capitalista.

Portanto esse trabalho foi uma tentativa de tecer o cotidiano de homens e mulheres comuns, moradores de uma comunidade rural entendida enquanto tal em 1971, mas que antes já predominava um modo de vida peculiar herdadas de populações indígenas, que foi entendida por pensamentos exógenos como atrasados e despossuídos que cultura. No entanto esses moradores expressaram modos de lutas e resistências diariamente pela sobrevivência de seus.

¹⁹ Ibidem 15

²⁰ Porto Carreiro, Vera faz uma análise do termo Normalização na perspectiva de Foucault. *As ciências da Vida: de Canguilhem a Foucault*. Rio de Janeiro: editora Fio Cruz, 2009.



Referências Bibliográficas

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em casa: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FÁVERO, Osmar. **Uma Pedagogia da Participação Popular: Análise da Prática Educativa do MEB-Movimento de Educação de Base (1961/1966)**. São Paulo: autores associados, 2006.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla- ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

FOCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Cóllegue de France, pronunciada em dois de dezembro de 1970. 3 ed. Loyola, 1996
Cortez&Moraes, 1979.

Gomes Nascimento, D. Belém da Costa, L, y Vasconcelos Andrade, F. : **Mudança e resistência nos modos de vida em Comunidades rurais: Um estudo da comunidade de Vila Manaus, no Município de Parintins-Am-Brasil**, em contribuições a las Ciencias Sociales, agosto 2013.

Hall, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, Metodologia e Memória**. 1ª ed.- São Paulo 2010.

PAIVA, Marlúcia Medeiros de (Org.). **As Escolas Radiofônicas de Natal: uma história construída por muitos (1958-1966)**. Brasília: Liber Livro/UFRN; Natal: 2009.

PORTO CARREIRO, Vera. **As ciências da Vida: de Canguilhem a Foucault**. Rio de Janeiro: editora Fio Cruz, 2009.

RAPOSO, Maria das Graças Brenha. **Movimento de Educação de Base: discurso e prática (1961-1967)**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão e Secretaria de Educação do Estado do Maranhão, 1985.

UFMG. Brasília: representações da UNESCO no Brasil, 2003.

THOMPSON, Edward. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. In: NEGRO, Antônio Luigi; SILVA, Sergio (org.). 3 ed. Campinas: Uicamp, 1998b.



_____. **A miséria da Teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educar Para Transformar:** educação popular, igreja católica e política no Movimento de Educação de Base. Petrópolis: Vozes, 1984.